

A criação às avessas

GERARD MENDEL (*)

No primeiro dia o Deus-Estado criou o estudante, isto é, a criança separada da sociedade, da realidade, de tudo, obrigada a viver na sua cabeça.

No segundo dia, foi criado o *adolescente*, ou seja, o jovem adulto impedido de crescer, uma vez que não tem lugar na cidade, não tem trabalho, nem responsabilidades nem direitos.

E eis-nos no terceiro dia desta Criação às Avessas. O adulto é agora infantilizado, na medida em que é condicionado a olhar os seus superiores hierárquicos como sendo os seus pais e a sociedade como uma grande família. E isto através de um certo número de técnicas psicologisantes que tendem a espalhar-se no quadro da formação permanente; técnicas bastante interessantes em si mesmas, mas de forma alguma pertinentes a propósito do trabalho profissional. Quer se trate da dinâmica de grupo, da análise transaccional, do grupo Balint, ou da aplicação da psicanálise ao facto social ou institucional, todas as técnicas têm em comum induzir efeitos psicológicos profundos com o desconhecimento dos protagonistas.

Em suma, a crer no boato, não há mais necessidade de abrir os olhos no que respeita à sociedade e às suas contradições, às injustiças, às desigualdades, ao esmagamento de uns para glória de outros. O espírito crítico é negativo; a reivindicação é uma forma de agressividade mal integrada; a solidariedade, masoquismo e a greve, um amuo de criança mal educada... Quanto mais a crise económica se agrava, mais a ideologia que sustem o controlo social se utiliza de determinadas técnicas derivadas da psicanálise — para quando o protesto das sociedades de psicanálise pelo «uso perverso» da doutrina? — a fim de fabricar em série crianças ajuizadas.

Darei dois exemplos bem reais. O primeiro exemplo diz respeito a crianças da escola primária do Quebeque e o segundo a alunos-educadores durante um estágio que se desenrolou no quadro da formação permanente em França. Não interessa a idade ou o país, já que a técnica permanece a mesma numa multinacional da ideologia.

Quebeque: no ano passado, durante uma viagem, docentes do Quebeque chamaram-me a atenção para uma técnica que lá se vai desenvolvendo sob o nome de «Círculo Mágico». As crianças de uma turma são reunidas em volta do seu professor e pede-

(*) Psicanalista. Fundador da Sociopsicanálise.

-se-lhes para contarem os seus sonhos, os seus pequenos segredos.

Aparentemente, nada há de mal nisto, embora o aspecto de confissão pública, de violação das consciências se apresente, no mínimo, chocante. Mas de que se trata realmente?

É aqui que a psicanálise é indispensável para compreender o efeito exacto desta técnica. De cada vez que vós façais confidências a alguém numa situação de desigualdade — e em particular se se trata da desigualdade derivada da reserva da pessoa a quem vós vos confiais, nada dizendo ela sobre a sua vida pessoal (reside aqui o princípio da cura analítica) — *transferireis*, inevitavelmente, para essa pessoa os sentimentos outrora experimentados em relação aos pais. Daí uma situação de *dependência* psíquica e afectiva em relação a essa pessoa. Vós desejais que ela vos ame e proteja, receais que ela deixe de vos amar se agirdes ou pensardes de determinada maneira, etc. «A análise do transfer» no decorrer de uma psicanálise tem por fim, precisamente, revelar o poder deste fenómeno repetitivo e demonstrar o seu mecanismo.

Mas, perguntar-se-á: não será excelente que as crianças possam encontrar uma família na escola? Não há nada melhor do que amar os seus professores como pais...

Bem entendido, as necessidades afectivas das crianças devem encontrar a possibilidade de se satisfazer junto dos seus professores. Mas... mas a escola é já a sociedade. Desaprender a ver esta realidade não pode de forma alguma ajudar o desenvolvimento da personalidade. E nesta realidade não é certo que os alunos sejam os filhos dos professores. Criar vivências que lhes dêem ilusão disso, é mentir-lhes, enganá-los.

Se, desde a escola primária, não for encontrado um equilíbrio harmonioso entre a necessidade familiar da criança e o reconhecimento desta verdade, ou seja, que a escola está *na* sociedade, que os professores realizam aí um trabalho remunerado pela socie-

dade que o trabalho dos jovens alunos é já trabalho — então *desrealiza-se* a criança⁽¹⁾. E o risco é grande se, depois de ter separado a criança da realidade neste universo totalmente artificial que é hoje a escola, o fazemos ainda viver na ilusão de uma falsa família. O recurso ulterior a um «Pai da Nação» não estará então muito longe. E, em suma, o «Círculo Mágico» é a primeira droga, o primeiro paraíso artificial, propostos e oferecidos pela sociedade!

O segundo exemplo, esse então, diz respeito ao mundo adulto e em França: um estágio organizado para alunos-educadores por uma associação especializada na formação permanente, estágio a que eu assisti o ano passado. Independentemente do estágio anual, esta associação organiza durante o ano séries de cursos dados por monitores especializados. Os alunos educadores partilham assim o seu tempo entre estágios nos estabelecimentos de crianças inadaptadas e períodos de escolaridade nos locais da associação.

Esta associação explícita, num texto de apresentação, que a sua «referência comum é a teoria freudiana». Ela tenta assim, explica o texto, favorecer as relações *interpessoais* entre, por um lado, os quadros permanentes da associação e os monitores e, por outro, os alunos. Além da diferença de situação institucional entre monitores e alunos, só é verdadeiramente importante o facto de eles serem *individuos*. O que se pretende, no mínimo, é o apoio de Freud. É bem evidente que este confusionismo institucional tem uma função *ideológica*: dissimular as diferenças de interesses objectivos, de necessidades e desejos, de experiência concreta das diferentes categorias de trabalhadores. O confessionismo tenta negar o

(1) Assinalámos uma experiência levada a cabo numa escola infantil da região parisiense em *La Misère Politique Actuelle*, pp. 131-144 (Petite Bibliothèque Payot, 1978).

facto de que os quadros ou os monitores, por um lado e os alunos, por outro, percebam a sua vida quotidiana de forma diferente e que esta percepção através do trabalho e da actividade, é a única maneira de ter acesso à realidade da vida adulta.

A quem serve esta ideologia? Aos formadores, evidentemente, e aos quadros da associação que ao reunirem-se regularmente, evitam assim ter que discutir ou negociar, face a face, com um grupo coerente de alunos — que têm 20-25 anos.

Mas a realidade é obstinada. Que se passa então, quando, ao longo do ano escolar, aparecem frustrações e tensões *institucionais* de forma que os alunos são *negados* nos seus problemas quotidianos?

É aqui que a «referência comum à teoria freudiana» se torna de grande valor para a salvaguarda dos privilégios. A desigualdade *real* de estatuto e de função entre formadores e alunos? A impossibilidade *real* de discutir de grupo para grupo e não de indivíduo

para indivíduo, o conteúdo e a forma de ensino? «As vossas reivindicações, respondem os monitores, não são senão sinal dos vossos antigos problemas ainda não resolvidos, com os vossos pais. Mais um esforço *psy* sobre vós próprios e todos esses falsos problemas desaparecerão».

Nos tempos antigos, enfaixavam-se os pés das jovens chinesas para que eles não crescessem. Evidentemente, assim mutiladas, estas rapariguinhas, depois mulheres, podiam mais facilmente ser mantidas em tutela. Hoje, se o objectivo continua de facto o mesmo, a ambição é maior: é toda a personalidade que se quereria impedir de crescer à custa de ligaduras, de laços psicológicos. Aos interessados, a obrigação de prestarem atenção (*).

(*) Encontrar-se-ão exemplos de casos concretos em *Pratiques d'un Pouvoir Plus Collectif Aujourd'hui* (Petite Bibliothèque Payot, 1980).

**DA NOSSA COLECÇÃO
PSICOLOGIA E PEDAGOGIA
DESTACAMOS:**

ANN BURKITT

Aprender a viver com o sexo

BERNARD MULDWORF

Freud

CAROL SANDREL

A Sociedade contra a Criança

GEORGES SNYDERS

Escola, Classe e Luta de Classes
(2.ª edição)

**GILBERT DE LANDSHEERE e VIVIANE DE
LANDSHEERE**

Definir os objectivos da educação
(3.ª edição)

J. L. FÁBREGAS / L. CALAFAT

Política da Psiquiatria
(conversa com R. Laing)

MAUD MANNONI

A Criança Atrasada e a Mãe
(3.ª edição)

Um Lugar para Viver

MYRIAM DAVID

A Criança dos 0 aos 6 anos
(6.ª edição)

PIERRE GOURGANDI

As Técnicas de Trabalho de Grupo
(4.ª edição)

ROGER COUSINET

A Educação Nova
(4.ª edição)

VEDA P. VARMA e PHILLIP WILLIAM
(org. de)

Piaget: Psicologia e Educação

MORAES EDITORES

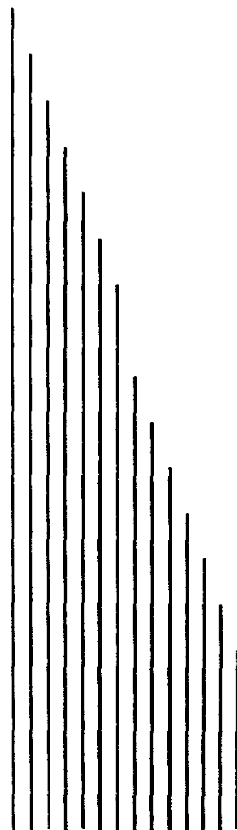
Rua do Século, 34, 2.º - 1200 Lisboa

Telef. 325391-327717-320636

LIVRARIA - Largo do Picadeiro, 11 - 1200 Lisboa

Telef. 323488

Distribuidora - DIGLIVRO - Rua das Chagas, 2 - 1200 Lisboa



PRÓXIMO NÚMERO:

■ **EDUCAÇÃO**

E

DESENVOLVIMENTO